

ÍNDICE

I. Uma Clínica do Passado	13
II. A Decisão	115
III. Um País Considerado isoladamente	133
IV. Referendo sobre o Passado	207
V. Monstros Discretos	239
Epílogo	283
 Agradecimentos	 289
 Notas	 291

I

UMA CLÍNICA DO PASSADO

Pois bem, o tema é a memória. Tempo: andante a tender para andante moderato, sostenuto (sustenido). Talvez a sarabanda, com a sua solenidade comedida e com um prolongado segundo tempo, seja uma boa opção para começar. Mais Haendel do que Bach. Rigorosa repetição e ao mesmo tempo progressão. Contido e solene para começar. Depois tudo pode — e deve — descompor-se.

1.

Num dado momento, começaram a contar o tempo, a fazer cálculos para saber quando é que tinha principiado o tempo, quando fora exactamente criada a Terra. Em meados do século xvii, o arcebispo irlandês Usher calculou não só o ano preciso mas também a data concreta desse início: 22 de Outubro do ano de 4004 antes de Cristo. Calhava num sábado, claro. Alguns asseguram que Usher indica também a hora exacta — por volta das seis da tarde. Um sábado à tarde? Acredito piamente. Em que outra altura da semana se teria posto um Criador entediado a construir um mundo e a procurar arranjar companhia? Usher terá dedicado a vida inteira a essa tarefa. A obra em si conta 2000 páginas em latim, e não devem ter sido muitos os que se deram ao trabalho de a ler toda. Isso não a impediu, contudo, de se ter tornado extraordinariamente popular; muito possivelmente não a obra como tal mas sim a descoberta nela revelada. As bíblias impressas na ilha começaram a conter a indicação da data e cronologia de Usher. Essa teoria de uma Terra Jovem (no meu entender, de um Tempo Jovem) conquistou o mundo cristão. Devemos assinalar que mesmo cientistas como Kepler e Sir Isaac Newton consideram que a Obra Divina foi realizada numa data precisa, num ano mais ou menos próximo daquele que é indicado por Usher. No entanto, para mim o mais assombroso não é ser indicado um ano tão recente, mas sim ser apontado um dia em concreto.

22 de Outubro, quatro mil e quatro anos antes de Cristo, por volta das seis horas da tarde.

*

No mês de Dezembro de 1910, ou mais ou menos por essa altura, a natureza humana mudou. Assim o escreve Virginia Woolf². E podemos imaginar como terá sido aquele Dezembro de 1910, aparentemente igual aos outros, cinzento, frio e com um cheiro a neve fresca. Mas alguma coisa aconteceu, algo de que só muito poucos se aperceberam.

No dia 1 de Setembro de 1939, de manhã cedo, chegou-se ao fim do tempo humano.

2.

Anos mais tarde, quando muitas das suas recordações já se tinham dispersado como pombos assustados, ainda era capaz de recordar aquela manhã em que andara sem destino pelas ruas de Viena enquanto um vagabundo com um bigode à Márquez vendia jornais no passeio sob o sol matutino de Março. Levantou-se vento e alguns dos jornais voaram pelos ares. Tentou ajudar, apanhou dois ou três e devolveu-os ao vendedor. Pode ficar com um, disse-lhe o Márquez.

Gaustine — vamos chamá-lo assim, apesar de ele próprio usar esse nome como um capacete de invisibilidade — ficou com o jornal e deu-lhe uma nota de valor excessivamente alto para o efeito. O sem-abrigo torceu-a com a mão e acabou por titubear: “Mas... eu não tenho troco.” Aquilo soou de uma maneira tão absurda naquela manhã vienense que ambos desataram a rir.

Os vagabundos inspiravam em Gaustine um sentimento de amor e receio, eram essas as palavras correctas e tinham de ser sempre usadas conjuntamente. Gostava deles e temia-os da mesma forma que se ama e se tem medo daquilo que já se foi ou que se espera vir a ser um dia. Sabia que mais tarde ou mais cedo acabaria por ingressar no exército dos sem-abrigo, para utilizarmos um *cliché* batido. Por um instante, imaginou longas filas de vagabundos a marchar

pela Kaerntner Strasse e pelo Graben. Sim, por afinidade era um deles, embora um pouco particular. Um sem-abrigo no tempo, digamos assim. Simplesmente, por um mero acaso, ficara com algum dinheiro, o suficiente para afastar por algum tempo a conversão do incómodo metafísico em sofrimento físico.

Naquela época, exercia uma das suas profissões, a de psiquiatra gerontologista. Eu suspeitava que ele subtraía secretamente as histórias dos seus pacientes para se refugiar nelas, para se instalar por instantes no lugar e no passado de alguém. De qualquer forma, na sua cabeça o emaranhado de tempos, vozes e lugares era tal que, das duas uma, ou se punha de imediato nas mãos dos seus colegas psiquiatras ou acabaria por cometer algum acto que os obrigaria a serem eles a enclausurá-lo.

Gaustine guardou o jornal, caminhou um bocado e sentou-se num banco. Estava vestido com um chapéu do tipo *Borsalino*, com uma gabardina escura por debaixo da qual se via uma camisola de gola alta, calçava uns sapatos velhos de cabedal e transportava uma pasta de couro de um nobre vermelho-esbatido. Parecia alguém acabado de chegar de comboio proveniente de uma outra década, poderia passar por um anarquista discreto, por um *hippie* envelhecido ou por um predicador de uma ordem pouco conhecida.

Portanto, sentou-se no banco e leu o nome do jornal — “Augustin”, edição para os sem-abrigo. Uma parte do jornal era escrita por estes, a outra, por jornalistas profissionais. E, algures na penúltima página, no canto inferior esquerdo, no sítio mais imperceptível de um jornal, como é sabido por todos os editores de jornais, estava a pequena notícia. Reparou nela. Um ténue sorriso, que denunciava mais amargura que alegria, perpassou-lhe o rosto. Teria de voltar a desaparecer.

3.

Há uns tempos, quando o Sr. Alzheimer ainda era sobretudo mencionado em anedotas, *e qual foi diagnóstico? Bem, uma doença*

qualquer com o nome de um homem, mas já não me lembro de como é que se chamava, apareceu uma curta notícia num pequeno jornal, uma daquelas notícias que são lidas por cinco pessoas, quatro das quais a esquecem logo.

Eis aqui o resumo da notícia:

Um médico de uma clínica geriátrica vienense situada em Wienerwald, o Dr. G. (só mencionavam a inicial), admirador dos Beatles, mobilou o seu gabinete no estilo dos anos 60. Tinha arranjado um gira-discos de baquelite, pendurara na parede *posters* daquela banda, o famoso *Sgt. Pepper*... Na feira da ladra comprara um armário velho e colocara nele todo o tipo de bugigangas dos anos 60 — sabonetes, caixas de cigarros, uma colecção de miniaturas de automóveis *Volkswagen Beetle*, *Cadillacs* e *Mustangs* cor-de-rosa, cartazes de filmes e de actores. Dizia a notícia que a sua secretária estava coberta de velhas revistas e que ele próprio usava camisolas de gola alta debaixo da bata branca. Como seria de esperar, não havia fotografia e o artigo todo, relegado para o canto inferior esquerdo da página do jornal, tinha umas trinta linhas. A razão da notícia era que o tal médico notara que os pacientes com perturbações da memória passavam cada vez mais tempo no seu gabinete, tornavam-se mais faladores, por outras palavras, sentiam-se confortáveis. E as frequentes tentativas de fuga dessa ilustre clínica tinham diminuído drasticamente.

A notícia não tinha autor, estava assinada em nome da redacção do jornal.

Aquela ideia era minha, era uma ideia que tinha na cabeça há muitos anos, mas pelos vistos alguém se tinha adiantado (devo confessar que a minha ideia dizia respeito a um romance e não a uma clínica, mas para o efeito tanto faz).

Sempre que a ocasião se proporcionava, comprava aquele jornal de rua, por um lado, pela afeição particular que sinto por aqueles que o escrevem — uma longa história de um outro romance —, mas também pela nítida sensação que tenho (uma superstição muito minha) de que é precisamente dessa forma, por intermédio de um pedaço de papel de jornal, que aquilo que nos deve ser dito nos

atinge em cheio e nos entra pelos olhos. E essa sensação nunca me atraíçooou.

A notícia só dizia que a clínica se encontrava na floresta de Viena e nada mais. Fiz uma investigação sobre os centros geriátricos existentes nas proximidades e havia pelo menos três ali situados. Como não podia deixar de ser, aquele que eu procurava era o último da lista. Fiz-me passar por jornalista, o que aliás não era uma mentira completa pois eu possuía o cartão de um jornal para poder entrar à borla nos museus e por vezes até me acontecia escrever algumas coisas para esse jornal. Normalmente utilizava a profissão de escritor, que, embora sendo próxima, é bastante mais anódina e fugidia, mas a mesma, neste caso, não servia para me legitimar.

De qualquer forma, consegui chegar, embora só a muito custo, à directora da clínica. Quando ela percebeu o motivo da minha visita, ficou de repente pouco comunicativa. A pessoa que procura já não trabalha aqui desde ontem. Porquê? As funções que exercia na clínica foram, por mútuo acordo, dadas por findas, respondeu ela, embrenhando-se nos meandros evasivos da linguagem administrativa. Foi despedido? perguntei sinceramente surpreso. Já lhe disse que foi por mútuo acordo. Mas porquê esse seu interesse? Bem, há uma semana li num jornal um artigo interessante... Ainda não tinha acabado de pronunciar a frase quando senti que estava a cometer um erro. Aquele artigo que fala de umas tentativas de fuga desta clínica? Já foi apresentada uma queixa da nossa parte a fim de que essa informação seja desmentida. Percebi que já não se justificava ficar ali mais tempo e percebi também qual o motivo da rescisão por mútuo acordo. E como é que chamava o médico? perguntei, voltando-me para trás, quando já estava a sair, mas ela entretanto tinha-se posto a falar ao telefone.

Não abandonei imediatamente a clínica; descobri o corredor dos gabinetes médicos e vi um operário a tirar uma placa com um nome da terceira porta da direita. Claro que o nome era aquele que eu pensava. Tinha suspeitado desde o início.

4.

Dar com o rasto de Gaustine, que passa de uma década para outra da mesma maneira que nós trocamos de voo num aeroporto, é uma oportunidade que só surge uma vez de cem em cem anos. Gaustine, que comecei por inventar e depois encontrei em carne e osso. Ou se calhar foi ao contrário, já não me lembro. O amigo invisível, mais visível e real do que eu mesmo. O Gaustine da minha juventude. O Gaustine do meu sonho de ser outro, noutro lugar, de viver noutro tempo, de habitar outros quartos. Partilhávamos a mesma obsessão pelo passado. A diferença que existia entre nós era pequena mas substancial. Eu continuava a ser um estrangeiro em toda a parte, enquanto ele se sentia igualmente bem em todas as épocas. Eu batia à porta dos diferentes anos e ele já lá estava. Abria-me a porta, fazia-me entrar e desaparecia.

A primeira vez que fiz apelo a Gaustine foi para que ele assinasse três linhas que me tinham ocorrido sem mais, do nada, como se viessem de um outro tempo. Esforcei-me durante meses e meses para lhes acrescentar o que quer que seja, mas não consegui.

Pela mulher foi o trovador criado

Posso repeti-lo

Foi ela quem criou o Criador...

Uma noite sonhei com um nome inscrito numa encadernação de pele — *Gaustine de Arles, séc. XIII*. Lembro-me de ter dito para comigo, ainda durante o sono: cá está, é isto mesmo. Depois apareceu o Gaustine em pessoa, quero dizer, alguém que era parecido com ele e a quem comecei, para comigo próprio, a chamar assim.

Deve ter sido mesmo no final dos anos 80. Devo ter essa história guardada em qualquer sítio.